

O movimento franciscano como uma vanguard

Ao anunciar, oficialmente, o Concílio Vaticano II (*Humanae salutis*), em 25 de dezembro de 1961, o papa João XXIII constatava: “Se hoje em dia há uma exigência feita à Igreja, é a de colocar a humanidade moderna em contato com a força imperecível, vitalizante e divina do Evangelho”.

Em termos extremamente corajosos, o Conselho Plenário da Ordem dos Frades Menores (Salvador, 1983) definiu o lugar do movimento franciscano na Igreja: “Como Irmãos Menores somos chamados a ser ‘a vanguarda evangelizadora’, em uma Igreja que deve, a cada passo, refazer-se e renovar-se. Em conseqüência, temos de prestar o máximo da atenção e ter muita sensibilidade para com todos os movimentos do Espírito, dentro e fora da Igreja. Além de servir aos fiéis, vemos ser necessário atingir ainda, em nossas próprias comunidades, aqueles que ainda não foram tocados pelo Evangelho, e aqueles que se afastaram do Evangelho, tal como se lhes apresenta de modo tradicional” (Bahia 1983, 17).

Evidentemente, essa definição vale não somente para os franciscanos em sentido estrito, mas também para todos os leigos e religiosos que — de maneira ou de outra — têm em São Francisco e Santa Clara seus pontos de referência.

Seria bom relermos o texto citado com muita atenção: o movimento franciscano situa-se dentro da Igreja; no entanto, não somente do lado daqueles que andam em trilhos já antigos ou que só consideram válidas coisas bem provadas.

A Igreja recebeu um desafio do mundo. Desde o Concílio Vaticano II, quer arriscar-se e entrar em terras novas. Para poder fazê-lo, precisa de exploradores que a precedam, pessoas que gostem do risco, da aventura, da experiência. Em outras palavras: a Igreja precisa de uma vanguarda, à qual possa unir-se para seguir confiante. A partir de sua autocompreensão e da sua história, o movimento franciscano é chamado a assumir essa tarefa. Também por pessoas de fora, o movimento está recebendo estímulos e está sentindo expectativas neste sentido.

Já em 1927, quer dizer, muitos anos antes do Vaticano II, o jesuíta Peter Lippert escreveu palavras que refletem, hoje em dia mais do que naquela época, as expectativas do nosso tempo: “Os princípios organizatórios que São Bento, São Domingos e Santo Inácio trouxeram às suas novas comunidades parecem ter esgotado as suas capacidades de adaptação aos tempos modernos. Isto não quer dizer que sejam obsoletos ou substituíveis. Porém, aquele elemento absolutamente novo, procurado por tantas almas e através de tantas experiências de fundações novas, encontrasse, provavelmente, apenas na linha do ideal primitivo de São Francisco; quer dizer, na linha da criatividade livre, da comunidade aberta ao amor; na linha da existência que age com simplicidade, sem se amarrar a construções artificiais da vontade; na linha da personalidade original e espontânea, que obedece unicamente a uma lei interior e que se forma pela auto-disciplina. Se por acaso, um dia, Deus der à sua Igreja a Ordem do futuro, esperada com ânsia por tanta gente, já hoje em dia, esta Ordem, provavelmente, terá as feições de São Francisco” (P. Lippert em: *Stimmen der Zeit*, 1927)

Um outro jesuíta assumiu esses pensamentos, unindo-os aos acontecimentos e às intuições do Concílio Vaticano II: Mário von Galli afirma no seu livro *Gelebte Zukunft* que Francisco de Assis foi o tema clandestino do Vaticano II e que a Igreja evoluiu em direção ao caminho tomado por Francisco.

CCFMC, Lição 1, C3